nova escola

BNCC.NOVAESCOLA.ORG.BR

BNCC NA PRÁTICA

Tudo que você precisa saber sobre **Educação Infantil**



ILUSTRAÇÕES: RITA MAYUMI

REALIZAÇÃO:
associação nova escola

CO-REALIZAÇÃO:
FUNDAÇÃO Lemann

Índice

INTRODUÇÃO 3

CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU?
Com a BNCC, as crianças passam a ter 6 direitos de aprendizagem 4

CAPÍTULO 2 // CAMPOS DE EXPERIÊNCIA
O que é essencial aprender e desenvolver dos 0 a 5 anos de idade 9

CAPÍTULO 3 // EVOLUÇÃO NOS DOCUMENTOS
O que diferencia a BNCC das referências anteriores? 16

CAPÍTULO 4 // O QUE E COMO ENSINAR
Conheça os principais conceitos de aprendizagem da BNCC 20

CAPÍTULO 5 // EXEMPLO PRÁTICO
Confira uma experiência real alinhada à BNCC 27

CAPÍTULO 6 // PARA SE APROFUNDAR
Avalie as crianças na Educação Infantil 33

CAPÍTULO 7 // ANÁLISE DA ESPECIALISTA
Por que planejar na Educação Infantil? 39

CAPÍTULO 8 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO
Conheça obras e autores para se atualizar 43

CAPÍTULO 9 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS
O que você sabe sobre a BNCC para a Educação Infantil? 47

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define os direitos de aprendizagens de todo aluno e aluna do Brasil. É uma mudança relevante no nosso processo de ensino e aprendizagem porque, pela primeira vez, um documento orienta os conhecimentos e as habilidades essenciais que bebês, crianças e jovens de todo o país têm o direito de aprender – ano a ano – durante toda a vida escolar. Mas ainda há dúvidas sobre esta política pública e as mudanças que ela traz. A primeira delas: o que é a BNCC? Como ela impacta as minhas aulas? Como me preparar para colocá-la em prática? Para ajudá-lo nestas e outras questões, a **NOVA ESCOLA**, em parceria com a Fundação Lemann, preparou uma série de e-books sobre as mudanças em cada disciplina do Ensino Fundamental e na etapa da Educação Infantil.

Nosso objetivo é destrinchar as principais mudanças e concretizar a implementação da BNCC. Esse guia é o primeiro passo. Leia e converse com o coordenador pedagógico ou o diretor da sua escola. É importante que todos os professores também façam a leitura. Depois, acesse nossos cursos de formação online e planos de aula já alinhados à BNCC. Todo o material é gratuito.

CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU?

Com a BNCC, as crianças passam a ter 6 direitos de aprendizagem

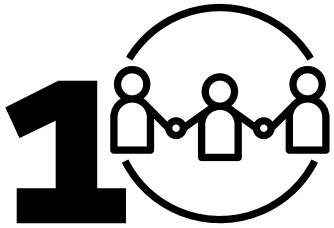
Saiba quais são e como colocá-los em prática na rotina da sua escola

TEXTO: RITA TREVISAN

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dá um salto histórico ao reconhecer a Educação Infantil como uma etapa essencial e estabelecer direitos de aprendizagem para crianças de 0 a 5 anos. O documento também inova ao reconhecer essa etapa da Educação Básica como fundamental para a construção da identidade e da subjetividade da criança. "O importante é criar condições para a formulação de perguntas. As crianças precisam pensar sobre o mundo ao seu redor, desenvolver estratégias de observação, criar hipóteses e narrativas. A sistematização dos conceitos só precisa acontecer na etapa do Ensino Fundamental", afirma Silvana Augusto, assessora pedagógica de redes municipais de ensino para o segmento de Educação Infantil e formadora do Instituto Singularidades.

A BNCC de Educação Infantil estabelece seis direitos de aprendizagem. Para contemplá-los, o professor precisa sempre tê-los em mente para garantir que as experiências propostas estejam de acordo com os aspectos considerados fundamentais no processo.

Conheça, a seguir, cada um dos seis direitos de aprendizagem e entenda melhor como efetivá-los, seguindo orientações da especialista Maria Virgínia Gastaldi:



CONVIVER

O QUE DIZ A BNCC — "Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas".

COMO GARANTIR ESSE DIREITO — Situações em que os pequenos possam brincar e interagir com os colegas são fundamentais, mas não apenas elas. Jogos, por exemplo, são importantes para que as crianças convivam em uma situação em que precisam respeitar regras. Permitir que as crianças participem da organização da convivência do grupo, então, envolvê-las nas tarefas que viabilizam o cotidiano como, por exemplo, organizar o ambiente das refeições ou acomodar os brinquedos . "Quando falamos em conviver estamos falando numa educação que pensa no outro", explica Maria Virgínia.

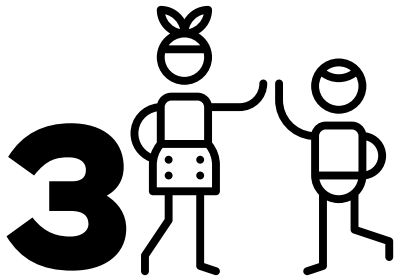


BRINCAR

O QUE DIZ A BNCC — "Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais".

COMO GARANTIR ESSE DIREITO — As brincadeiras são essenciais e

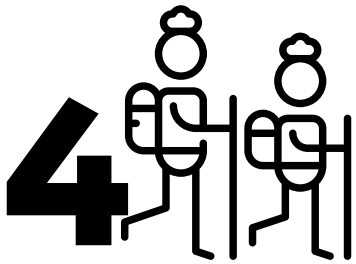
devem estar presentes intensamente na rotina da criança. Trata-se de iniciativas infantis que o adulto deve acolher e enriquecer, porém, devem ser planejadas e variadas. Para isso, a partir da observação dos pequenos brincando, o professor pode disponibilizar materiais que auxiliem o desenvolvimento da brincadeira ou que conduzam a outras experiências. Ele também pode promover conversas posteriores para discutir o que observou. "Se o professor organiza boas propostas, por exemplo, bons títulos de literatura, conversas e faz uma sequência rica a chance dessas temáticas migrarem para as brincadeiras são grandes", comenta Maria Virgínia.



PARTICIPAR

O QUE DIZ A BNCC — "Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando".

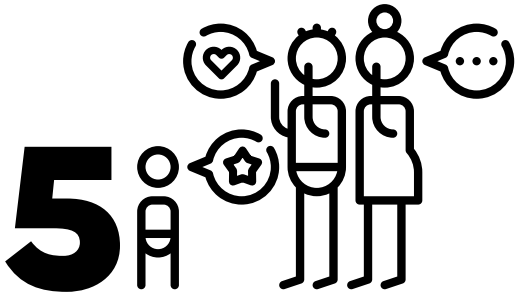
COMO GARANTIR ESSE DIREITO — Um exemplo clássico dado por Maria Virgínia Gastaldi foi a construção de casinhas de brinquedo. "O professor planeja como vai fazer, separa os materiais e pede ajuda de familiares para montá-la. Quando leva, pronta, à escola, fica surpreso, porque as crianças não se interessam ou estragam o brinquedo", diz. Aqui, o importante é envolver as crianças em todas as etapas, permitindo que elas ajudem a decidir como será a estrutura, quais materiais serão usados, qual será a cor etc. Então, que o professor observe o que ele já faz por elas e pode ser feito com elas. Permitir que elas participem das decisões que dizem respeito a elas mesmas e que organizam o cotidiano coletivo.



EXPLORAR

O QUE DIZ A BNCC — "Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia".

COMO GARANTIR ESSE DIREITO — Aqui, é fundamental permitir que as crianças explorem sozinhas diferentes materiais fornecidos pelo professor. "Não é por meio de 'aulinhas', em que o professor senta na frente da sala e diz: isso é madeira, isso é isopor", destaca a especialista. Além da exploração de elementos concretos, explorar o elementos simbólicos, então que as crianças explorem músicas e histórias, por exemplo. Criar momentos de reflexão e, a partir da observação e escuta, que o professor perceba o que é pertinente e necessário para os pequenos.

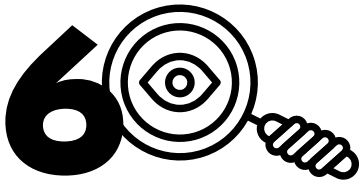


EXPRESSAR

O QUE DIZ A BNCC — "Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões".

COMO GARANTIR ESSE DIREITO — Rodas de conversa são imprescindíveis para que as crianças tenham seu direito garantido. É importante que essas situações sejam frequentes para que o professor apresente materiais variados para que a criança explore e se expresse

a partir de diferentes linguagens. “Expressar é posterior ao explorar, só se pode expressar quando conhece”, afirma a especialista. Promover ambientes interessantes de expressão com diferentes pessoas e situações ajudam a garantir este direito. Outro recurso essencial é a criação de momentos de fala, nos quais ambas as partes escutem e se expressem. Além disso, criar conselhos e assembleias em que os pequenos votam e argumentam sobre decisões que afetam o coletivo ajudam nessa tarefa.

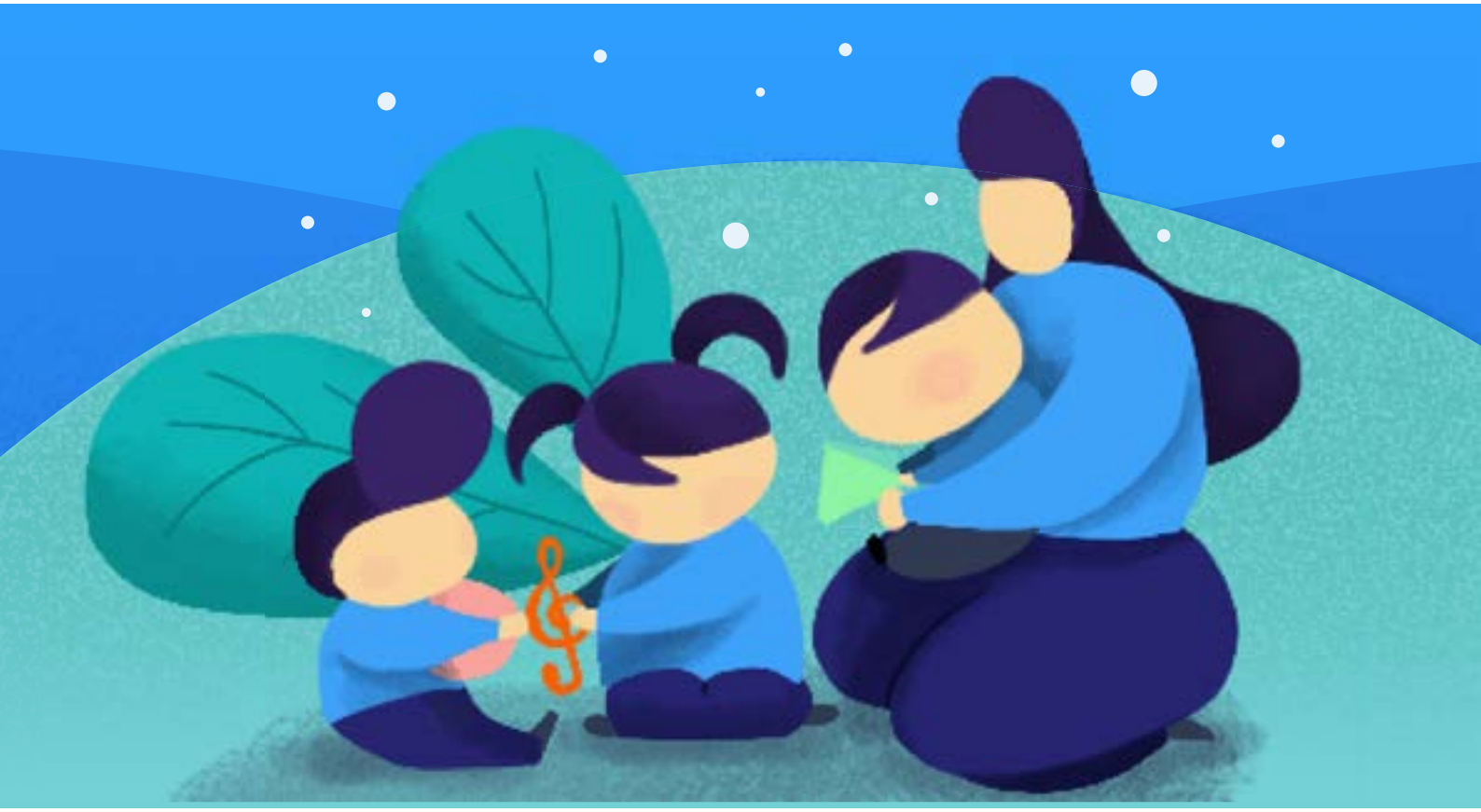


CONHECER-SE

O QUE DIZ A BNCC — “Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário”.

COMO GARANTIR ESSE DIREITO — Boa parte das atividades ajudam a garantir esse direito, mas há estratégias para pensar especificamente sobre ele. Neste momento, é importante que o professor ajude a que eles se percebam, aprendam do que gostam. Para isso, o professor pode, a partir da observação, criar situações simples, mas que os auxiliem a descobrir a si próprio e ao outro. Com os bebês, Virgínia cita como exemplo situações em que eles podem ficar em frente a espelhos e se observar. Os momentos de banho, alimentação e troca de fraldas também são ricos para essa aprendizagem: ao se sentir cuidado e ao aprendendo a cuidar de si, a criança desperta a consciência sobre seu corpo. “Quando anunciamos para um bebê onde vamos tocá-lo e o que faremos com ele, criamos a primeira oportunidade para que se reconheça como pessoa e não objeto”, destaca a especialista.

Consultora: Fernanda Pinho, mestre em educaçãoe coordenadora de projetos do Instituto Natura // Colaboração: Paula Salas



CAPÍTULO 2 // CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

O que são os campos da experiência da Educação Infantil?

Eles propõem uma nova organização curricular e colocam a criança como centro do processo educativo

TEXTO: RITA TREVISAN

A Base estabelece **Cinco Campos de Experiência** para a Educação Infantil, que indicam quais são as experiências fundamentais para que a criança aprenda e se desenvolva. Os Campos enfatizam noções, habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças devem desenvolver dos 0 aos 5 anos e buscam garantir os direitos de aprendizagem das crianças. Ou seja, o conhecimento vem com a experiência que cada criança vai viver no ambiente escolar. Dessa forma, os Campos estão organizados de forma a apoiar o professor no planejamento de sua prática intencional. "As atividades propostas à criança devem ser bem planejadas, o próprio cuidar não pode ser algo mecânico. A criança precisa ter tempo e espaço para se expressar e o professor tem que estar aberto para acompanhar as reações dela, que serão sempre únicas e pessoais", explica a assessora pedagógica e formadora Silvana Augusto.

Em outras palavras, é importante que as práticas do professor estejam diretamente comprometidas com as necessidades e os interesses da criança, para que a vivência se transforme em uma experiência e tenha, de fato, um propósito educativo.

"É preciso lembrar que a aprendizagem da criança se dá nas situações cotidianas, sempre de forma integrada, em contextos lúdicos, próximos às práticas sociais que lhes são significativas", complementa Beatriz Ferraz, consultora do Time de Autores de NOVA ESCOLA. Assim, mesmo quando o objetivo é apresentar conhecimentos culturais e científicos aos meninos e meninas da creche, é preciso levar em conta os Campos, como núcleos integradores das propostas a serem trabalhadas em sala de aula, além de considerar as interações e a brincadeira como forma de viabilizar o aprendizado das crianças.

CONFIRA OS PRINCIPAIS OBJETIVOS DOS 5 CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

1

O EU, O OUTRO E O NÓS

Destaca experiências relacionadas à construção da identidade e da subjetividade, as aprendizagens e conquistas de desenvolvimento relacionadas à ampliação das experiências de conhecimento de si mesmo e à construção de relações, que devem ser, na medida do possível, permeadas por interações positivas,

apoiadas em vínculos profundos e estáveis com os professores e os colegas. O Campo também ressalta o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a um determinado grupo, o respeito e o valor atribuído às diferentes tradições culturais.

***Exemplo:** (EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.*

2 CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

Coloca ênfase nas experiências das crianças em situações de brincadeiras, nas quais exploram o espaço com o corpo e as diferentes formas de movimentos. A partir daí, elas constroem referenciais que as orientam em relação a aproximar-se ou distanciar-se de determinados pontos, por exemplo. O Campo também valoriza as brincadeiras de faz de conta, nas quais as crianças podem representar o cotidiano ou o mundo da fantasia interagindo com as narrativas literárias ou teatrais. Traz, ainda, a importância de que as crianças vivam experiências com as diferentes linguagens, como a dança e a música, ressaltando seu valor nas diferentes culturas, ampliando as possibilidades expressivas do corpo e valorizando os enredos e movimentos criados na oportunidade de encenar situações fantasiosas ou narrativas e rituais conhecidos.

***Exemplo:** (EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.*

3 TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS

Ressalta as experiências das crianças com as diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, incluindo o contato com a linguagem musical e as linguagens visuais, com foco estético e crítico. Enfatiza as experiências de escuta ativa, mas também de criação musical, com destaque às experiências corporais provocadas pela intensidade dos sons e pelo ritmo das melodias. Valoriza a ampliação do repertório musical, o desenvolvimento de preferências, a exploração de diferentes objetos sonoros ou instrumentos musicais, a identificação da

qualidade do som, bem como as apresentações e/ou improvisações musicais e festas populares. Ao mesmo tempo, foca as experiências que promovam a sensibilidade investigativa no campo visual, valorizando a atividade produtiva das crianças, nas diferentes situações de que participam, envolvendo desenho, pintura, escultura, modelagem, colagem, gravura, fotografia etc.

Exemplo: (EI01TS01) *Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.*

4 ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Realça as experiências com a linguagem oral que ampliam as diversas formas sociais de comunicação presentes na cultura humana, como as conversas, cantigas, brincadeiras de roda, jogos cantados etc. Dá destaque, também, às experiências com a leitura de histórias que favoreçam aprendizagens relacionadas à leitura, ao comportamento leitor, à imaginação e à representação e, ainda, à linguagem escrita, convidando a criança a conhecer os detalhes do texto e das imagens e a ter contato com os personagens, a perceber no seu corpo as emoções geradas pela história, a imaginar cenários, construir novos desfechos etc. O Campo compreende as experiências com as práticas cotidianas de uso da escrita, sempre em contextos significativos e plenos de significados, promovendo imitação de atos escritos em situações de faz de conta, bem como situações em que as crianças se arriscam a ler e a escrever de forma espontânea, apoiadas pelo professor, que as engaja em reflexões que organizam suas ideias sobre o sistema de escrita.

Exemplo: (EI03EF06) *Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.*

5 ESPAÇO, TEMPO, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

A ênfase está nas experiências que favorecem a construção de noções espaciais relativas a uma situação estática (como a noção de longe e perto) ou a uma situação dinâmica (para frente, para trás), potencializando a organizacção do esquema corporal

e a percepção espacial, a partir da exploração do corpo e dos objetos no espaço. O Campo também destaca as experiências em relação ao tempo, favorecendo a construção das noções de tempo físico (dia e noite, estações do ano, ritmos biológicos) e cronológico (ontem, hoje, amanhã, semana, mês e ano), as noções de ordem temporal ("Meu irmão nasceu antes de mim", "Vou visitar meu avô depois da escola") e histórica ("No tempo antigo", "Quando mudamos para nossa casa", "Na epóca do Natal"). Envolve experiências em relação à medida, favorecendo a ideia de que, por meio de situações problemas em contextos lúdicos, as crianças possam ampliar, aprofundar e construir novos conhecimentos sobre medidas de objetos, de pessoas e de espaços, compreender procedimentos de contagem, aprender a adicionar ou subtrair quantidades aproximando-se das noções de números e conhecendo a sequência numérica verbal e escrita. A ideia é que as crianças entendam que os números são recursos para representar quantidades e aprender a contar objetos usando a correspondência um-a-um, comparando quantidade de grupos de objetos utilizando relaões como mais que, menos que, maior que e menor que. O Campo ressalta, ainda, as experiências de relações e transformações favorecendo a construção de conhecimentos e valores das crianças sobre os diferentes modos de viver de pessoas em tempos passados ou em outras culturas. Da mesma forma, é importante favorecer a construção de noções relacionadas à transformação de materiais, objetos, e situações que aproximem as crianças da ideia de causalidade.

Exemplo: (EI01ET05) *Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.*

DIVISÃO POR IDADES

Dentro de cada Campo, em vez de habilidades, há **objetivos de aprendizagem e desenvolvimento**, que a BNCC vincula a três grupos etários:

1. BEBÊS (DE ZERO A UM ANO E SEIS MESES).

2. CRIANÇAS BEM PEQUENAS (UM ANO E SETE MESES A TRÊS ANOS E ONZE MESES).

3. CRIANÇAS PEQUENAS (QUATRO ANOS A CINCO ANOS E ONZE MESES).

A divisão em três grupos foi pautada pelas características e necessidades diferentes dessas faixas etárias. Há especificidades que merecem ser tratadas com mais atenção nos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil. Apenas um ano de diferença entre crianças pequenas representa possibilidades muito distintas de interação com o mundo e com as pessoas.

Por exemplo, uma criança de um ano e seis meses já sabe andar, mas ainda não tem muita destreza, fala algumas palavras e elabora frases curtas, usa fralda, come com ajuda, morde os colegas quando algo acontece e lhe desagrada. Já uma criança de dois anos e seis meses é capaz de construir frases mais longas, usa formas verbais simples para resolver os conflitos, pode comer sozinha, sabe correr, saltar, pode já ter aprendido a usar o banheiro ou começar a demonstrar muito incômodo com a fralda, é capaz de se envolver com histórias curtas etc. São competências básicas que transformam radicalmente e para sempre a relação da criança com o mundo. O currículo deve ser pensado considerando essas diferenças, para que o educador possa focar justamente no que é necessário em cada faixa etária, de modo que a criança se desenvolva, respeitando a individualidade de cada um.

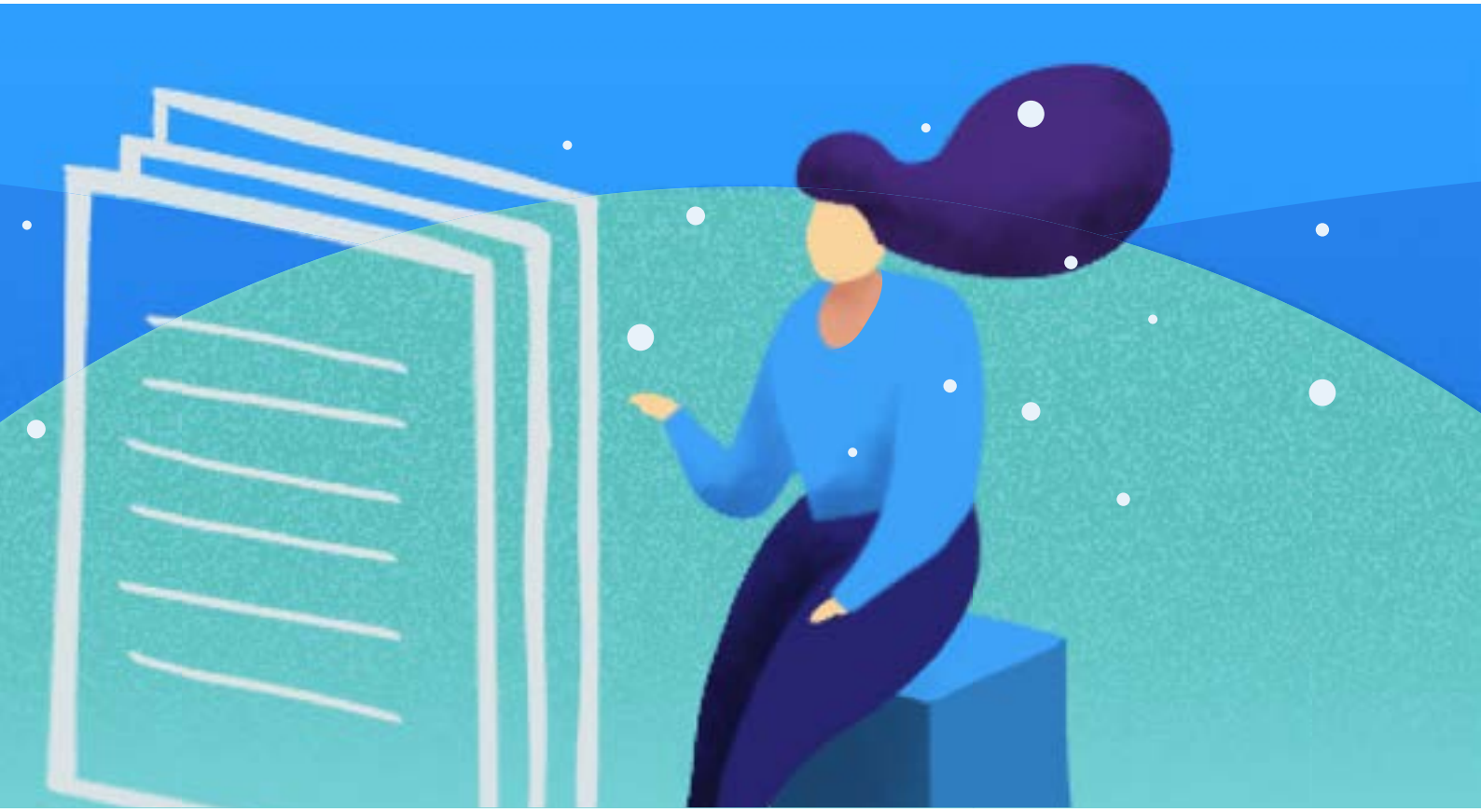
"Essa divisão considera as principais conquistas de desenvolvimento na primeira infância. Nessa etapa, o currículo deve estar voltado para promover aprendizagens e conquistas de desenvolvimento, respeitando os diferentes ritmos, interesses e necessidades que as crianças manifestarem", explica Beatriz Ferraz.

É SEMPRE BOM LEMBRAR: CURRÍCULO NÃO É BASE

Para facilitar o entendimento da maneira como está estruturada a Educação Infantil, hoje, podemos aproximar a construção dos conceitos que a orientam à construção de uma casa. As Diretrizes Curriculares Nacionais representaram o telhado, trazendo um referencial teórico importante para o desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular que, no exemplo citado, fez as vezes do solo – ou a base estrutural, como o nome sugere. As paredes da casa, no entanto, ainda precisam ser

construídas, são os currículos, a serem discutidos pelas redes estaduais, municipais, pelos gestores e educadores de cada escola. A metáfora é de Maria Thereza Marcilio, coordenadora da Avante, instituição voltada à educação e à mobilização social.

Com isso, a educadora reforça a ideia que precisa ser disseminada e compreendida pelos professores de todo o país, de que a Base não é um documento de orientação didática/pedagógica. Seus objetivos específicos não devem ser tratados como um checklist e simplesmente incorporados ao dia-a-dia da escola. Os eixos de interação e brincadeira e os Campos de Experiência criam novas estruturas para que essa concepção seja colocada em prática e, de fato, os direitos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças sejam alcançados. Isso permite, inclusive, que os professores tenham autonomia para planejar suas atividades, porém, tendo mais clareza das aprendizagens que precisam ser favorecidas, a cada fase.



CAPÍTULO 3 // EVOLUÇÃO DOS DOCUMENTOS

O que diferencia a BNCC do DCNEI e do RCNEI?

Nos documentos anteriores, criança não aparece como protagonista da aprendizagem

TEXTO: RITA TREVISAN

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), de 1998, representou um avanço para a época, porém, era mais como uma orientação dos conteúdos e objetivos de aprendizagem e não fazia a criança e sua identidade o foco principal.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), de 2009, já mostram um avanço na direção de colocar a criança em foco e serviram como um uma fundamentação teórica para a Base. Nas DCNEI, a atenção já estava voltada para a criança, e o documento reforça a importância do aluno ter acesso ao conhecimento cultural e científico, assim como o contato com a natureza, preservando o modo que a criança situa-se no mundo. As DCNEI colocam o foco nas interações e na brincadeira como eixos estruturantes do currículo, além de considerar os princípios éticos, políticos e estéticos que deveriam nortear a produção do conhecimento nas escolas infantis. Outro ponto a ser observado é o marco conceitual da relação entre o cuidar e o educar das DCNEI, algo que a Base valida e reforça.

// RCNEI

CONCEPÇÃO DE CRIANÇA — Foco está no desenvolvimento integral da criança, mas ela ainda é vista como alguém que responde aos estímulos dados pelos adultos (no caso da escola, os professores).

OBJETIVO — Esclarecer o que deve ser ensinado nessa etapa da Educação Básica.

COMO ESTÁ ORGANIZADO — Em eixos, que devem ser considerados de forma integrada: movimento, identidade e autonomia, conhecimento de mundo, artes visuais, música, linguagem oral e escrita, natureza/sociedade e matemática.

// DCNEI

CONCEPÇÃO DE CRIANÇA — Amplia o olhar sobre a criança, considerando as interações sociais como condições essenciais para o aprendizado. Ao mesmo tempo, a criança está no centro do processo de aprendizagem, como sujeito das diferentes práticas cotidianas. Trata a criança com toda complexidade e potência e situa a Educação Infantil em relação ao desenvolvimento de princípios éticos, estéticos e políticos.

OBJETIVO — Trazer mais subsídios sobre como a criança aprende para que, a partir daí, possa se pensar em como garantir o que ela tem direito de aprender, nessa fase. Reforça a importância de que o aluno tenha acesso ao conhecimento cultural, rém, preservando o modo de a criança aprender.

COMO ESTÁ ORGANIZADO — Considera, como eixos estruturantes, a interação e a brincadeira, mas propõe a articulação das diferentes linguagens para a organização curricular e didática.

// BNCC

CONCEPÇÃO DE CRIANÇA — Reforça a visão da criança como protagonista em todos os contextos de que faz parte: ela não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade.

OBJETIVO — A partir de um significativo avanço no entendimento de como a criança aprende, oferecer referências para a construção de um currículo, baseadas em direitos de desenvolvimento e aprendizagem bem definidos.

COMO ESTÁ ORGANIZADO — As diversas áreas de conhecimento e as diferentes linguagens são integradas por meio dos Campos de Experiência. Parte-se do pressuposto de que a criança aprende por meio das experiências vividas no contexto escolar.

LINHA DO TEMPO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1988

A **Constituição Federal** estabelece o atendimento em creche e pré-escola é um dever do Estado e um direito da criança de 0 a 6 anos de idade.

1996

A **Lei de Diretrizes e Bases** (LDB) reconhece a Educação Infantil como um segmento que promove a aprendizagem e parte integrante da Educação Básica.

1998

O **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** (RCNEI) é publicado, como parte dos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ele reúne objetivos, conteúdos e orientações didáticas.

2006

O acesso ao Ensino Fundamental é antecipado para os seis anos de idade, por conta de uma alteração na **LDB**

2009

A partir da publicação da **Emenda Constitucional** nº 59, de 11 de novembro de 2009, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos.

2009

As **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** (DCNEI) surgem para orientar o planejamento curricular das escolas. Propõem a organização por eixos de interações e brincadeira. Além disso, traz como marco conceitual a indissociabilidade entre o cuidar e educar.

2017

A **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC) institui e orienta a implantação de um planejamento curricular ao longo de todas as etapas da Educação Básica. Na Educação Infantil, ela dialoga com a DCNEI, mas traz um detalhamento maior ao listar os objetivos de aprendizagem.

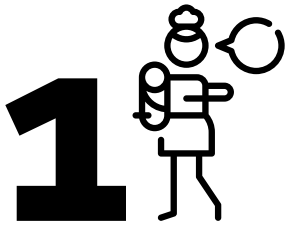
CAPÍTULO 4 // O QUE E COMO ENSINAR

Conheça os conceitos de aprendizagem para a BNCC de Educação Infantil

O apoio do professor na rotina é essencial ao aprendizado

TEXTO: RITA TREVISAN

Na Educação Infantil, as crianças constroem noções de identidade e subjetividade que precisam ser apoiadas. A postura do professor na condução das atividades da rotina é essencial ao aprendizado. Veja quais os pontos mais importantes, segundo os conceitos essenciais trazidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



CUIDAR E EDUCAR

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) já estabeleciam que cuidar e educar não eram dimensões separadas, mas sim, duas faces de uma experiência única. A BNCC valida e reforça esse conceito de que as ações de cuidado estão plenamente integradas com as ações de conhecer e explorar o mundo, criando campo propício para a sistematização dos conhecimentos, que acontece na etapa posterior do Ensino Fundamental.

Assim, quando o professor estimula e apoia a criança a se sentar e a comer com outros colegas à mesa, por exemplo, proporciona à criança a chance

de aprender sobre cuidados com o próprio corpo – à medida que ela vai construindo hábitos alimentares – e também propõe o aprendizado sobre os alimentos mais presentes na mesa daquela comunidade da qual a escola faz parte. As crianças também aprendem a criar noção de rotina, que pode ser organizada e dividida por horários de refeição. Além disso, é nesse momento que os meninos e meninas da creche têm mais uma situação propícia para a interação e para o fortalecimento de vínculos.

A ideia do cuidar está atrelada à postura de cuidado do professor, que pode se manifestar em diferentes situações da rotina. "Quando ele organiza as produções das crianças em uma exposição, por exemplo, está adotando um cuidado estético", explica Débora Rana, formadora de professores e coordenadores pedagógicos na etapa de Educação Infantil e séries iniciais, do Instituto Avisa Lá e Somos Educação.

Outro exemplo é quando o professor demonstra preocupação e zelo com o ambiente físico para proporcionar espaços estimulantes e seguros para serem explorados pelas crianças, organizados e contendo materiais adequados. Ter na sala um espaço reservado para cada criança, onde ela possa guardar seus pertences pessoais (um cabideiro para pendurar as mochilas ou um armário com prateleiras); organizar o momento das refeições com toalha de mesa ou jogo americano, pratos, talheres e copos adequados e limpos, guardanapos, alimentos saudáveis e bem preparados são outros exemplos de dimensões de cuidados importantes para que o aprendizado se efetive na escola.

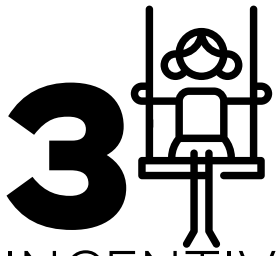


FORMAÇÃO DO VÍNCULO

Os cuidados físicos são a principal maneira de estreitar vínculos e transmitir para a criança uma segurança afetiva, que a ajudará a desbravar os conhecimentos do mundo ao seu redor e desenvolver a autonomia. Uma criança insegura pode ter muito mais dificuldade de explorar o mundo por si própria e pode manifestar incômodo ao fazer isso, com reações de nervosismo e irritação.

"Quando se está trocando uma fralda, alimentando ou dando banho na criança, é importante que o professor esteja inteiro para a criança, que ele observe as reações dela, que proponha interações, não pode ser algo mecânico", explica Mariana Americano, formadora de educadores e membro da rede Pikler Brasil.

Esses são momentos privilegiados para a construção de vínculos e criam uma oportunidade ímpar para o trabalho de valorização da autoestima. Aprender a comer sozinho, a limpar-se após usar o banheiro e a tomar banho são algumas das primeiras tarefas que uma criança aprende a desenvolver sem o auxílio de um adulto. A confiança que adquire ao aprender a cuidar de si mesma será fundamental para as demais aprendizagens. Uma criança que não é motivada a realizar sozinha ações simples do cotidiano, por contar sempre com um adulto que faz por ela, poderá não ter segurança e autoestima para desbravar novas aprendizagens. Quando o adulto toma à frente do processo, mesmo sem intenção, comunica que a criança não é capaz de fazer de maneira autônoma. Nesse processo, a criança pode se retrair. Uma criança insegura e dependente dos adultos terá mais dificuldade para aprender coisas novas, pois não se sente capaz, tem medo de não conseguir, não se arrisca.

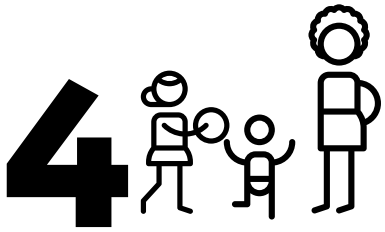


3 INCENTIVANDO A AUTONOMIA

Em instituições de ensino com escadas ou com longos corredores, os professores podem ficar tentados a pegar as crianças pelas mãos ou a carregar as que apresentam maior dificuldade de locomoção. Essa atitude tem uma boa intenção, os educadores acreditam que assim, as crianças terão mais tempo para o lazer e para outras atividades se chegarem mais rápido na pracinha ou em outra sala de aula, por exemplo. Mas incentivar a autonomia da criança pode ser até mais benéfica e é importante: permite que que ela enfrente obstáculos e os supere, respeitando seu próprio ritmo.

"Pode ser muito mais valioso para o desenvolvimento motor a criança passar mais tempo na escada, aprendendo a descer os degraus, do que

no parque", diz Mariana Americano. Além disso, se a criança começa a descer, falha e o professor a carrega, ela vai achar que não consegue, o que impacta diretamente na autoestima. "Da próxima vez que perceber que chegou a uma escada, nem vai tentar descer sozinha, vai logo estender os bracinhos para que alguém a pegue", complementa a formadora.



MESMA IDADE, RITMOS DIFERENTES

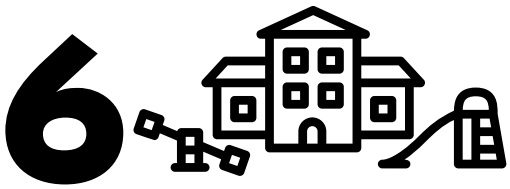
Outro aspecto que a Base reforça é a centralidade da criança no processo educativo. Nesse contexto, é preciso ter cuidado para não estigmatizar as crianças pequenas, utilizando os objetivos de aprendizagem relacionados às faixas etárias como algo rígido e estanque. "O professor precisa entender que cada criança tem seu tempo e respeitar isso", diz Maria Thereza Marcilio, coordenadora da Avante, instituição voltada à educação e à mobilização social.



ESCUTA ATIVA

No cotidiano escolar, é importante que o professor equilibre experiências mais livres, ficando no lugar do observador, com outras mais dirigidas. Mesmo nas atividades dirigidas pelo professor, o ideal é que a criança tenha espaço e tempo adequados para reagir aos estímulos propostos, sem a intervenção imediata do professor. "Para a criança ser competente, ela precisa ser ativa. Para ser ativa, precisa ter tempo e espaço. O adulto não pode fazer tudo por ela, tem que fazer com ela, provocar e observar a resposta", afirma Beatriz Ferraz, diretora da Escola de Educadores Bacuri.

A postura de observador atento permite que o professor organize seu planejamento de acordo com as reais necessidades das crianças. Assim, ao propor um ambiente rico para a exploração motora, onde as crianças possam engatinhar livremente em segurança, e com brinquedos onde possam se apoiar para levantar, por exemplo, o professor pode perceber como cada criança se movimenta. É interessante observar como o bebê senta, engatinha, deita, levanta e quais tipos de apoios ele usa, se fica na ponta do pé ou não ao se erguer. Tudo isso são pistas que o educador pode levar em conta para o desenvolvimento de outras atividades de acordo com a etapa em que ela está, independentemente da faixa etária. Nesse processo, é também importante que o professor tenha instrumentos para registrar as aprendizagens das crianças.



EXPLORAÇÃO LIVRE OU ESPAÇOS PLANEJADOS?

Ao definir o currículo, as redes estaduais, municipais e a equipe gestora de cada escola vão decidir os objetos de conhecimento do patrimônio social, científico e cultural que serão apresentados às crianças. Isso significa que, embora haja uma valorização das atividades do cotidiano enquanto eixos estruturantes da educação e da formação das crianças, não se pode utilizar apenas essas referências no dia a dia da escola, o que empobreceria o cotidiano. As crianças devem ser estimuladas a explorar livremente, porém, em contextos cuidadosamente planejados pelo professor. Essa intencionalidade se expressa, muitas vezes, na organização dos espaços, na escolha dos materiais que serão oferecidos para as crianças etc.
O mais importante é variar situações e deixar que as crianças escolham, dentre as opções oferecidas pelo professor, do que vão querer brincar, de quais colegas querem estar próximos, quanto tempo vão permanecer em determinada atividade ou brincadeira, se irão passar por todas as opções ou não; e situações em que o professor irá conduzir as ações das crianças, por exemplo, durante a leitura de uma história, todos devem estar sentados em silêncio para ouvir ou em uma brincadeira de roda, todos devem brincar

juntos e seguir as "regras" do jogo. Permitir que as crianças vivenciem os dois tipos de experiências é fundamental, pois elas oferecem aprendizagens diferentes: na primeira, a criança aprende a escolher, tomar decisões etc.; na segunda, a gostar dos livros, das histórias, a participar de situações coletivas, a respeitar regras simples etc.

Nesse sentido, uma boa ideia para proporcionar a exploração e o desenvolvimento de diversas habilidades para as crianças é criar um espaço de ateliê, onde elas possam experimentar livremente atividades de sua escolha, de forma segura e com materiais adequadas à sua etapa de desenvolvimento. Esse é um exemplo de como as crianças podem se apropriar dos espaços, estabelecendo seus percursos de forma mais livre e se expressarem com mediação e escuta ativa do professor, sem intervenções diretas.

O parque é outro ambiente que favorece o desenvolvimento de várias habilidades mas, para isso, deve ter recursos diferentes, que estimulem a interação das crianças com o meio. "O parque da escola não pode ter os mesmos elementos do playground do prédio, como pás e baldes. Pode ter isso, mas precisa ir além", diz Silvana Augusto, assessora pedagógica de redes municipais de ensino para o segmento de Educação Infantil, formadora do Instituto Singularidades. Ela sugere que o ambiente tenha um espaço com água, onde as crianças possam afundar objetos, uma área verde que permita observar os fenômenos da natureza, uma casinha com diversos materiais interessantes que remetam à cultura local e lugares onde as crianças possam guardar objetos coletados de um dia para o outro para dar continuidade à brincadeira.



ORGANIZAÇÃO DO TEMPO

Reforçar a criação de uma rotina dentro da escola também é educativo. As crianças aprendem sobre a passagem do tempo e convenções sociais, incluindo os horários para se alimentar e cuidar da higiene. Essa noção de rotina também transmite segurança. Afinal, como as crianças pequenas ainda não sabem olhar as horas para se situar no tempo, ter uma rotina

com momentos que se repetem todos os dias, ajuda a prever o que está por vir, diminuindo a ansiedade e agitação. Por exemplo, se a criança sabe que todos os dias depois da história tem o lanche, então, se está com fome durante a história, poderá se autorregular e esperar um pouco mais, pois sabe que logo poderá comer. Da mesma forma, se a criança sabe que todos os dias antes da hora da saída vai brincar no parque, ela já tem consciência de que, após as brincadeiras, chegará o momento de ver de novo os pais e essa percepção minimiza a saudade, dando mais segurança. Quando a rotina muda todos os dias, as crianças tendem a ficar mais dependentes dos adultos, pois não conseguem se regularem sozinhas, não sabem o que vai acontecer no momento seguinte, então, ficam mais predispostas a sentirem-se ansiosas.

No entanto, vale lembrar que há várias maneiras de organizar a rotina. Beatriz sugere, por exemplo, estruturar a rotina diária em grandes blocos, em vez de pensar em aulas centradas em componentes curriculares ou mesmo em Campos de Experiência. "É possível pensar em momentos de interação da criança em grandes grupos, incluindo diversas faixas etárias, de cuidados pessoais e situações em que a criança terá livre escolha para interagir com o ambiente e com a natureza", sugere. A partir disso, gestores e educadores poderão definir as atividades que serão propostas no futuro, sempre as organizando em torno de contextos lúdicos. Alguns horários precisam ser fixos, outros, não. E cabe à equipe gestora e aos professores fazerem esse exercício, determinando o que pode ser flexibilizado e qual é o limite.

Consultora: Fernanda Pinho, mestre em educaçãoe coordenadora de projetos do Instituto Natura

CAPÍTULO 5 // EXEMPLO PRÁTICO

Conheça uma experiência que coloca o pensar e agir da criança no centro do processo educativo

Como transformar o tempo que os alunos passam no parquinho, na pracinha e fora da sala de aula em uma boa hora para aprender?

TEXTO: RITA TREVISAN

A maior parte das escolas de Educação Infantil possui um espaço com areia onde as crianças podem passar algum tempo, geralmente em momentos da rotina em que não há uma atividade dirigida pela professora. Assim, é comum que explorem o ambiente livremente, sem que o professor defina, para essa vivência, um objetivo específico. Porém, trata-se de um ambiente propício para a pesquisa, o levantamento de hipóteses e para avançar o conhecimento das crianças em relação ao próprio corpo, ao ambiente e até ao patrimônio cultural e científico que as cerca.

Alinhada à nova concepção de Educação Infantil trazida pela BNCC, que coloca o pensar e o agir da criança como centro do processo educativo e propõe que o trabalho nas escolas seja organizado a partir de Campos de Experiência, a professora Jussara de Cássia Moinhos, da EMI Maria Simonetti Thomé, de São Caetano do Sul (SP), levou crianças de aproximadamente dois anos ao parque e, em um trabalho de observação atenta, os deixou explorar o espaço.



PLANEJAMENTO

Antes da chegada das crianças, ela preparou o ambiente com elementos que despertam a curiosidade e o senso estético, onde os pequenos pudessem experimentar, explorar e investigar, o que deu à atividade um caráter educativo. Jussara reuniu materiais incomuns nas rotinas das crianças, como caixas de ovos, copos plásticos de várias cores e tamanhos, além de tocos de madeira e dinossauros de plástico.

A professora organizou diferentes momentos na caixa de areia para observar a interação dos pequenos com os materiais disponibilizados. Para que eles explorassem e entendessem as características, sensações e os efeitos despertados pelo manuseio do material com a areia.

Para Jussara, a atividade teve um efeito diferente das demais recreativas, já que elas puderam brincar com mais do que apenas baldes e pás, que são encontrados em parques do lado de fora das escolas.

Praticando a observação atenta, ela notou que as crianças organizaram por conta própria a brincadeira e ela pode perceber como eram feitas as escolhas delas em relação aos materiais disponíveis e como fluía a relação entre os colegas. O papel de Jussara era compreender os percursos de cada criança e as narrativas não verbais das crianças durante todo o processo.

INTERLOCUÇÃO DOS CAMPOS

A atividade promove todos os Direitos de Aprendizagem listados na BNCC e permite trabalhar os cinco Campos de Experiência. Também dialoga com vários dos objetivos específicos definidos na Base. Alguns deles estão listados a seguir:



1 **(EI01EO03)** INTERAGIR COM CRIANÇAS DA MESMA FAIXA ETÁRIA E ADULTOS AO EXPLORAR ESPAÇOS, MATERIAIS, OBJETOS, BRINQUEDOS.



2 **(EI02EO03)** COMPARTILHAR OS OBJETOS E OS ESPAÇOS COM CRIANÇAS DA MESMA FAIXA ETÁRIA E ADULTOS.



3 **(EI01CG02)** EXPERIMENTAR AS POSSIBILIDADES CORPORAIS NAS BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES EM AMBIENTES ACOLHEDORES E DESAFIANTES.



4 **(EI02TS02)** UTILIZAR MATERIAIS VARIADOS COM POSSIBILIDADES DE MANIPULAÇÃO (ARGILA, MASSA DE MODELAR), EXPLORANDO CORES, TEXTURAS, SUPERFÍCIES, PLANOS, FORMAS E VOLUMES AO CRIAR OBJETOS TRIDIMENSIONAIS.



5 **(EI01EF06)** COMUNICAR-SE COM OUTRAS PESSOAS USANDO MOVIMENTOS, GESTOS, BALBUCÍOS, FALA E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO.



6 **(EI01ET03)** EXPLORAR O AMBIENTE PELA AÇÃO E OBSERVAÇÃO, MANIPULANDO, EXPERIMENTANDO E FAZENDO DESCOBERTAS.

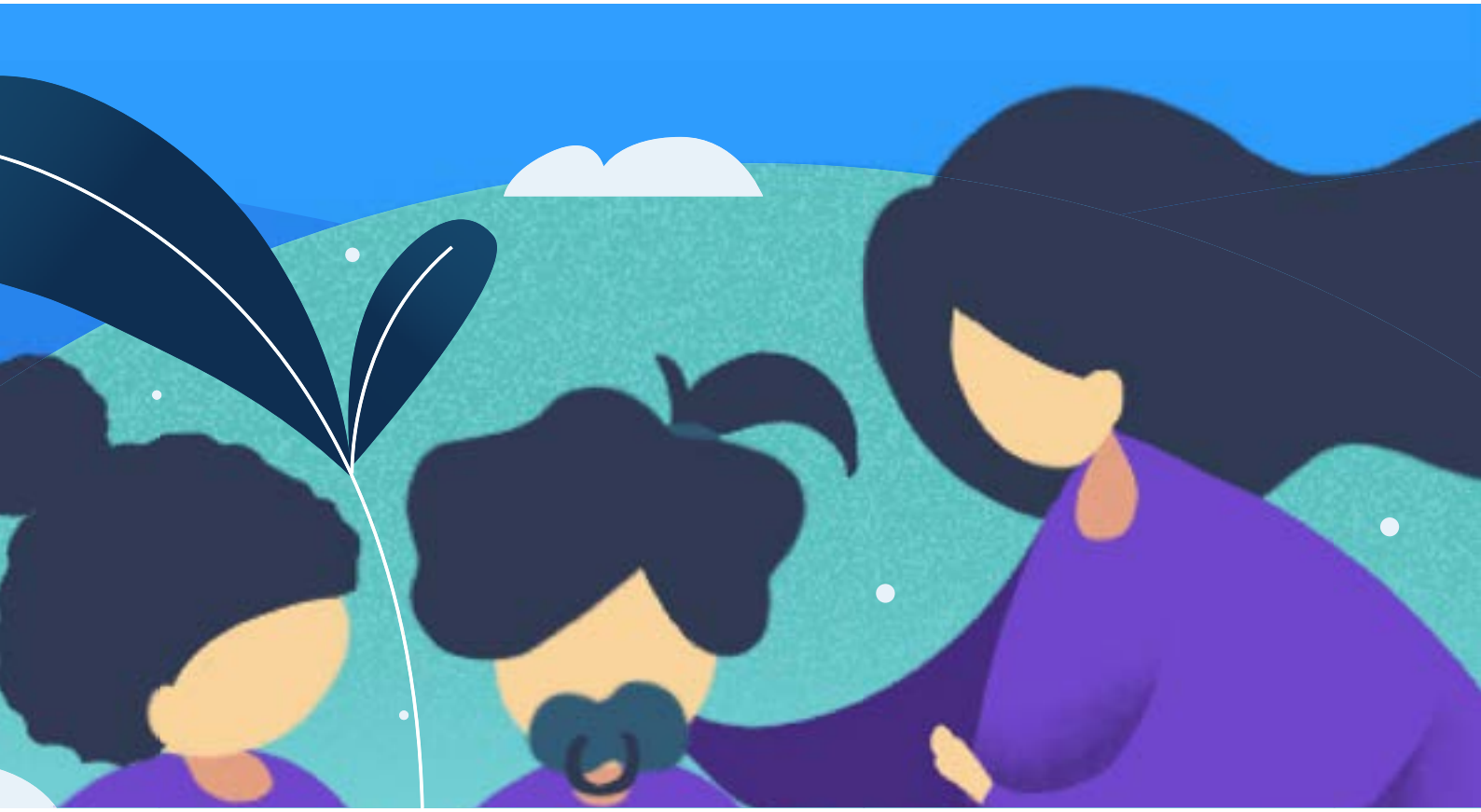
7 **(EI01ET02)** EXPLORAR RELAÇÕES DE CAUSA E EFEITO (TRANSBORDAR, TINGIR, MISTURAR, MOVER E REMOVER ETC.) NA INTERAÇÃO COM O MUNDO FÍSICO.

CADA CRIANÇA, UMA IDEIA

Como não houve, por parte da professora, um direcionamento específico para a forma como deveria ser a brincadeira no parque, cada criança explorou os ambientes e os materiais do jeito próprio jeito. A pequena Luiza, diante das caixas de ovos, organizou esteticamente a areia nos buraquinhos, compondo um arranjo, e buscando um equilíbrio na quantidade de areia disposta. Em outra situação, ela amontoou areia e passou a fazer suas descobertas. A menina atentamente observava o material cair, notando o movimento e controlando com a mão a quantidade de areia que escorria.

O experimento de Luiza com os materiais é totalmente único nesse processo: cada criança faz a exploração de acordo com seus interesses, de forma individual ou em grupo. Conceitos importantes relacionados às propriedades físicas do material são vividos nessa investigação. Nesse momento, a professora pode fazer novas provocações, com outros materiais de propriedades diferentes, para alimentar o processo investigativo que Luiza começou. Assim, a cada nova brincadeira no parque, Jussara ofertava materiais novos, de acordo com o que havia despertado o interesse das crianças.

Nessa perspectiva, o espaço foi considerado um terceiro educador e passar o tempo brincando na areia não foi apenas um tempo de recreação para as crianças. As brincadeiras na caixinha de areia, além de lúdicas e prazerosas, se transformaram em momentos de pesquisa e experimentação pelas crianças.



CAPÍTULO 6 // PARA SE APROFUNDAR

Como ser um professor observador e avaliar as crianças da Educação Infantil?

Planejar deve ser mais um apoio à prática do que uma obrigação. É uma forma de dar mais consistência à ação cotidiana

TEXTO: PAULA SALAS



Foto: Mariana Pekim

"O PROCESSO DE OBSERVAÇÃO DEVE SER CONTÍNUO E PERMANENTE"

Karina Rizeck

Karina Rizek entrou na Educação quando ainda na universidade de Psicologia, estagiou na etapa de Educação Infantil da Escola Viva, em São Paulo. “Me encantei e nunca mais saí. Vi a Educação de dentro e fora da escola, do ponto de vista da formação de professores, do MEC e das políticas públicas municipais e nacionais”.

Karina aprendeu tudo o que sabe na prática, com as oportunidades que surgiam nas escolas por onde passou: “Foi a partir de reuniões pedagógicas, registrando, produzindo, refletindo, construindo conhecimento e, claro, lendo muito”. Hoje, ela trabalha como formadora da Escola de Educadores. NOVA ESCOLA conversou com Karina para entender o processo de avaliação na Educação Infantil.

Como a observação, registro e avaliação aparecem na BNCC de Educação Infantil?
A Base de Educação Infantil tem a maior parte do texto dedicada ao que é essencial para cada corte etário. De maneira sucinta, o texto dá indícios sobre essas questões. Nela, aparecem questões fundamentais. Por exemplo, ela diz que cada professor precisa observar, registrar e fazer um acompanhamento muito de perto das aprendizagens, das aproximações das crianças e como elas vivem todas as propostas a partir dos campos de experiência e dos objetivos de aprendizagem.

Qual é o papel do professor na Educação Infantil?
De um modo geral, é um papel que abandona aquela ideia de um professor que sabe o começo, o meio e o fim das propostas, essa visão conteudista. O primeiro desafio que a Base nos traz é que o professor é uma pessoa que apoia a criança, garante condições espaciais, materiais e emocionais. Ao tirar o protagonismo do professor e o colocar na criança, o que importa é muito mais o processo. Nunca vamos saber qual vai ser o fim, já que ele fica na mão das crianças. Ele precisa estar aberto às questões de mundo, visões, questionamentos e curiosidades. É um professor coadjuvante e coparticipante que garante, através de uma boa organização de espaços e materiais, a exploração das crianças. Não quer dizer que ele não tenha um papel, mas que ele precisa estar atento, fazer anotações, observar, pensar novas organizações de espaço e materiais, novos apoios emocionais que até então não tinha identificado de maneira a possibilitar novas aprendizagens.

O que muda no planejamento?
É preciso se dedicar muito mais para pensar no espaço que as crianças vão brincar e interagir. Durante esses momentos, [o professor] tem poucas

intervenções, sendo apenas aquelas que ajudam as crianças a resolverem seus conflitos e que precisam do apoio do professor. Ele precisa pensar boas perguntas que incitem o pensamento e a troca. É uma Educação Infantil que está alinhada ao jeito das crianças estarem no mundo e se desenvolverem e que, fundamentalmente, confia nas competência das crianças aprenderem e se desenvolverem.

O que o professor precisa observar?
Ele precisa organizar bons instrumentos para identificar o que precisa ser observado. A partir do momento que realizo uma atividade que está relacionada aos objetivos de aprendizagem é que vou conseguir pautar o meu olhar. Não é um olhar aleatório, ele precisa estar voltado à proposta para avaliar, inclusive, se a maneira que ele propôs aquela situação garantiu efetivamente as condições de aprendizagem, de desenvolvimento e de

"A CRIANÇA DEVE BRINCAR LIVREMENTE E INTERAGIR"
Karina Rizeck

brincadeira. Eu acho que a Base nos dá dicas, por exemplo, com os direitos de aprendizagem. Eles são um bom ponto de partida quando pensamos no olhar. Então, que o professor pense se, ao longo do dia, ao longo das atividades da semana, as crianças estão tendo o direito de exercer esses direitos. E, a partir da garantia ou não garantia desses direitos, repensar sua prática. Outra dica é perceber se, na maior parte do tempo, as crianças têm boas oportunidades de brincar livremente e interagir.

Esse olhar muda entre os grupos etários?
A observação em si não, mas a abertura que o adulto tem que ter para entender as manifestações das crianças sim, porque com as crianças de 4 e 5 anos, por exemplo, muitas conversas, produções, pesquisas que as crianças fazem dão muito indício. Porém, muitas vezes o professor dessa faixa deixa de observar o que com os bebês é a questão do corpo e dos

movimentos, que dizem muito sobre o desenvolvimento da criança. Quando crescem ficam mais centrados em perceber as coisas mais intelectuais e deixam de olhar para esses outros sinais, mas é necessário entender que o corpo também é inteligência nessa faixa etária. O mesmo se aplica do outro lado, então, que o professor de bebês perceba que, mesmo que não falem, eles também produzem gestos e manifestações. Por isso, é preciso garantir que o professor desenvolva um olhar amplo para todas essas múltiplas linguagens, de maneira a perceber as manifestações de quem as crianças são, como elas veem o mundo, como sentem e interpretam.

Quais são os instrumentos de observação?
Em um primeiro momento, quando ele planeja uma atividade e vai realizá-la, é se colocando no papel de observador. É claro que não somos esse

"É IMPORTANTE SE PERGUNTAR QUAL É A INTENÇÃO COM CADA SITUAÇÃO"
Karina Rizeck

observador o tempo todo, pois há outras coisas acontecendo que precisam de atenção. Então, para ter esses momentos de observação, [o professor] precisa se organizar e escolher momentos estratégicos da rotina e atividades que necessitam de um olhar e um registro. É importante que ele faça perguntas para si mesmo para entender qual a intenção dele ao propor aquela situação e, assim, pensar no olhar que precisa ter. Em um segundo momento, entender como vai registrar, então, a partir do que ele quer responder com aquela observação, escolher as estratégias de registro para aquele momento. Por exemplo, às vezes é melhor fotografar ou, se for uma roda de conversa e ele quer saber o que cada criança falou, seja melhor gravar. Por fim, entender qual a finalidade daquela observação, se é para si, para outros professores, para a coordenação, para construir um portfólio, para uma reunião de pais, ou até mesmo fazer pesquisa científica. No entanto, a finalidade principal deve ser sempre garantir a qualidade da

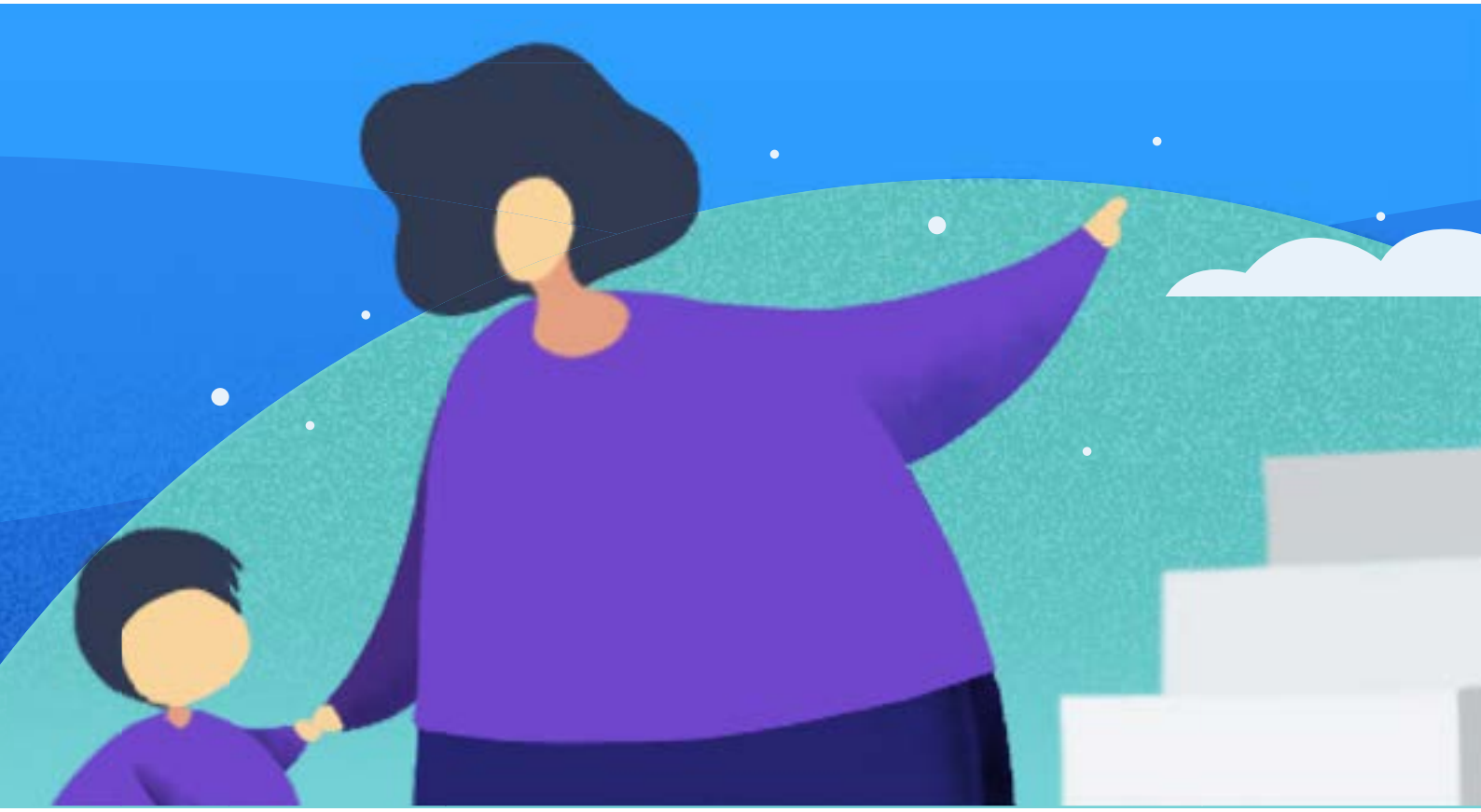
prática pedagógica, o replanejamento, a reflexão e a nova prática.

Quando registrar? O que é importante registrar?
Tem uma parte que é o acompanhamento de cada criança e o registro do coletivo para ter uma noção do todo. Ao longo do ano, tem momentos que se vai olhar para grupos menores e para isso é necessário ter uma boa organização do que observar. Os registros são diversos, mas escrever é fundamental. A escrita possibilita a reflexão e dá acesso à interpretação do professor. Um vídeo, por exemplo, não garante fazer essa análise, então é interessante fazer anotações pontuais durante as atividades e no final do dia elaborar. Também é necessário considerar que o professor teve uma ideia, mas a atividade pode tomar outro rumo, isso não quer dizer que ele não precisa continuar registrando.

O que avaliar?
A avaliação na Educação Infantil não é de promoção, aprovação ou continuidade. É uma avaliação a partir desse olhar do professor que procura observar o quanto e como cada criança se aproximou daqueles objetivos de aprendizagem. Pessoalmente, prefiro o termo de acompanhamento, que diz respeito a avaliar o trabalho pedagógico e o desenvolvimento das crianças. Deve-se pensar em como manter a continuidade, por isso, essa avaliação não tem que acontecer em novembro, mas desde fevereiro, de maneira a sentir a turma e ter tempo de trabalhar em cima do que foi observado.

Podemos falar de avaliar crianças bem pequenas ou bebês?
A diferença é que nos bebês não vai ter a produção em si, mas é possível ver o desenvolvimento. Tem diferentes formas, o que é diferente é a questão da abstração, da representação que vai ganhando mais corpo, mas não quer dizer que as outras sejam menos importantes.

Como avaliar?
É o fruto da observação, mas com evidências variadas, sejam elas registros escritos, fotográficos, filmagens ou produções das crianças. Sempre que vou planejar uma série de atividades eu tenho que prever sempre quais são as formas de avaliação e penso na materialização disso. A avaliação traz aspectos coletivos que são subjetivos, mas as evidências fundamentam esse olhar. É necessário ter diretrizes claras do que vai ser avaliado, é um combinado da escola, por isso é necessário criar os instrumentos e o resultado esperados. No entanto, essa avaliação tem que vir muito do professor, pois é ele que vai estar em sala e o que vai ser avaliado tem a ver com o que vai ser dado.



CAPÍTULO 7 // ANÁLISE DA ESPECIALISTA

Porque planejar na Educação Infantil?

O desenvolvimento de cada um e do grupo depende do pensar sobre a organização do tempo, do espaço, dos materiais e do agrupamento das crianças

TEXTO: **FERNANDA PINHO**



Fernanda Pinho,
mestre em educação e coordenadora de projetos do Instituto Natura

Planejar as experiências das crianças é fundamental para que as intenções educativas sejam revertidas em aprendizagem e desenvolvimento. O planejamento nada mais é do que projetar o que está por vir. No ato de planejar, o professor toma decisões considerando suas concepções: quem é a criança, como ela aprende, quais competências e habilidades importantes em cada faixa etária, qual é o papel do professor, qual é o material mais adequado para determinada situação, quanto tempo é necessário para cada experiência, como a organização do espaço pode favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem de cada um e do grupo como um todo.

Para essa ação que antecede a prática, não existe um modelo único. O planejamento tem estruturas diversas que estão relacionadas com o tempo que se pretende organizar e prever - um dia, uma semana, alguns meses, um ano. No entanto, diferentes tipos de planejamentos são importantes para que todas as experiências tenham por trás um objetivo claro. Uma pessoa desavisada pode entrar em uma escola de Educação Infantil bem no momento da brincadeira e achar tudo uma

grande bagunça. Um observador mais atento, porém, perceberá o papel ativo do professor na organização dos espaços, na escolha dos materiais, na mediação das relações entre as crianças e da interação com elas.

Nesse sentido, ao planejar, é necessário pensar sobre a organização do tempo, do espaço, dos materiais e sobre o agrupamento das crianças. É importante que se dedique tempos diferentes para cada experiência, o tempo de

"DIFERENTES PLANEJAMENTOS SÃO IMPORTANTES PARA QUE AS EXPERIÊNCIAS TENHAM OBJETIVOS CLAROS"

uma brincadeira é diferente do tempo dedicado à leitura de uma poesia. Preparar os materiais que serão utilizados com antecedência evita que sempre sejam oferecidos os mesmos e cria novas formas de utilizá-los. Os velhos bloquinhos de madeira podem ser usados dentro da sala para a montagem de uma fazenda e, no parque, podem se transformar em estrutura para a construção de uma represa no tanque de areia. Variar os agrupamentos também é necessário, a interação no grande grupo tem uma qualidade completamente diferente das interações que acontecem em grupos menores.

Planejar, no entanto, não significa ser rígido e pouco sensível às experiências vividas pelas crianças. Pelo contrário, é criar contextos de aprendizagem nos quais elas aprendam sobre si mesmas e sobre o mundo, indo além daquilo que seu cotidiano, naturalmente, poderia lhes oferecer. Quanto mais clareza o professor tem de suas intenções educativas, mais tranquilidade e flexibilidade terá para fazer mudanças no momento da experiência. E isso pode acontecer em virtude de diversos fatores: as crianças realizaram uma ação mais rápido do que o professor previa? Deram um outro caminho para a continuidade da proposta? Interessaram-se por algo inesperado? O planejamento faz com que o professor tome decisões mais conscientes e não só resolva problemas.

Para isso, é preciso encontrar em seu espaço de trabalho tempo para fazer seus planejamentos. Se fizer isso na escola, ainda poderá trocar ideias com outros colegas e, assim, conhecer maneiras de planejar, ampliar seu repertório de atividades e discutir sobre o modo como as crianças aprendem.

Planejar deve ser mais um apoio à prática do que uma obrigação. É uma forma de dar mais consistência à ação cotidiana. É nesse exercício de prever ações dos adultos e das crianças e clarificar objetivos de aprendizagem, para depois vivenciá-las, que o professor terá a chance de se aproximar, cada vez mais, do modo como as crianças aprendem e do seu papel como parceiro mais experiente.

CAPÍTULO 8 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO

Os autores que estão alinhados com a BNCC de Educação Infantil

Confira nossa seleção de livros, vídeos e artigos que podem ampliar o seu repertório sobre a Base

A BNCC exalta o protagonismo das crianças, o potencial para aprender a partir de experiências lúdicas e de interação. As referências, a seguir, ajudam a compreender essas e outras novidades apresentadas no documento. Nessa seleção, também há sugestões de como construir em sala de aula um ambiente propício ao desenvolvimento das crianças, à luz das teorias contemporâneas da educação infantil com as quais a Base dialoga.

// LIVROS



***Diálogos com Reggio Emília*, de Carla Rinaldi (Editora Paz e Terra)** — Foco está no desenvolvimento integral da criança, mas ela ainda é vista como alguém que responde aos estímulos dados pelos adultos (no caso da escola, os professor



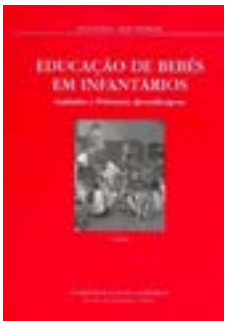
***As Cem Linguagens da Criança - volume 1 - A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*, de Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman (Editora Penso)** — Reúne reflexões de educadores italianos que criaram e desenvolveram o sistema de ensino da região, bem como de norte-americanos que estudaram lá. A obra discute desde história e filosofia a currículos e metodologias de ensino. Também reúne subsídios interessantes para ajudar o professor a pensar o uso do espaço e do ambiente físico da escola.



***Os Primeiros Anos - O Bem-Estar Infantil e o Papel das Políticas Públicas*. Editado por Samuel Berlinski e Norbert Schady (BID)** — Traz um olhar sobre os efeitos positivos que as políticas e intervenções governamentais podem acarretar sobre as crianças, especialmente nos primeiros oito anos de vida. Analisa as concepções de infância, desenvolvimento infantil, o papel da família, do professor e do governo.



***O Trabalho do Professor na Educação Infantil*, de Zilma Ramos de Oliveira, Damaris Maranhão, Ieda Abbud, Maria Paula Zurawski, Marisa Vasconcelos Ferreira e Silvana Augusto (Editora Biruta)** — Propõe uma discussão sobre a concepção de criança e educação infantil e, a partir daí, discorre sobre como otimizar o tempo, os espaços e as oportunidades de convivência das crianças nas creches e escolas. Também sugere caminhos possíveis para garantir que os alunos sejam protagonistas no processo de aprendizado e para que haja uma relação de parceria com as famílias e a comunidade.



***Educação de bebés em infantários - Cuidados e primeiras aprendizagens*, de Jacalyn Post e Mary Hohmann (Fundação Calouste Gulbenkian)** — Apesar de escrito em português de Portugal, a obra é uma das mais importantes na abordagem do currículo pré-escolar High/Scope. Os estudiosos dessa linha ressaltam o potencial da interação para o aprendizado, seja com pessoas, materiais ou ideias.



***Pedagogia Profana – Danças, Piruetas e Mascaradas*, de Jorge Larrosa (Autêntica Editora)** — Traz uma visão não-convencional sobre a pedagogia que, segundo o autor, deve ser mais libertária e emancipadora. Propõe também um novo olhar sobre o aluno e, particularmente, sobre a infância. Dialogando com grandes pensadores, como Rousseau, Larrosa convida o leitor a dar um novo significado à educação como um processo de alteridade, em que o aluno não é um ser submisso.

// VÍDEOS



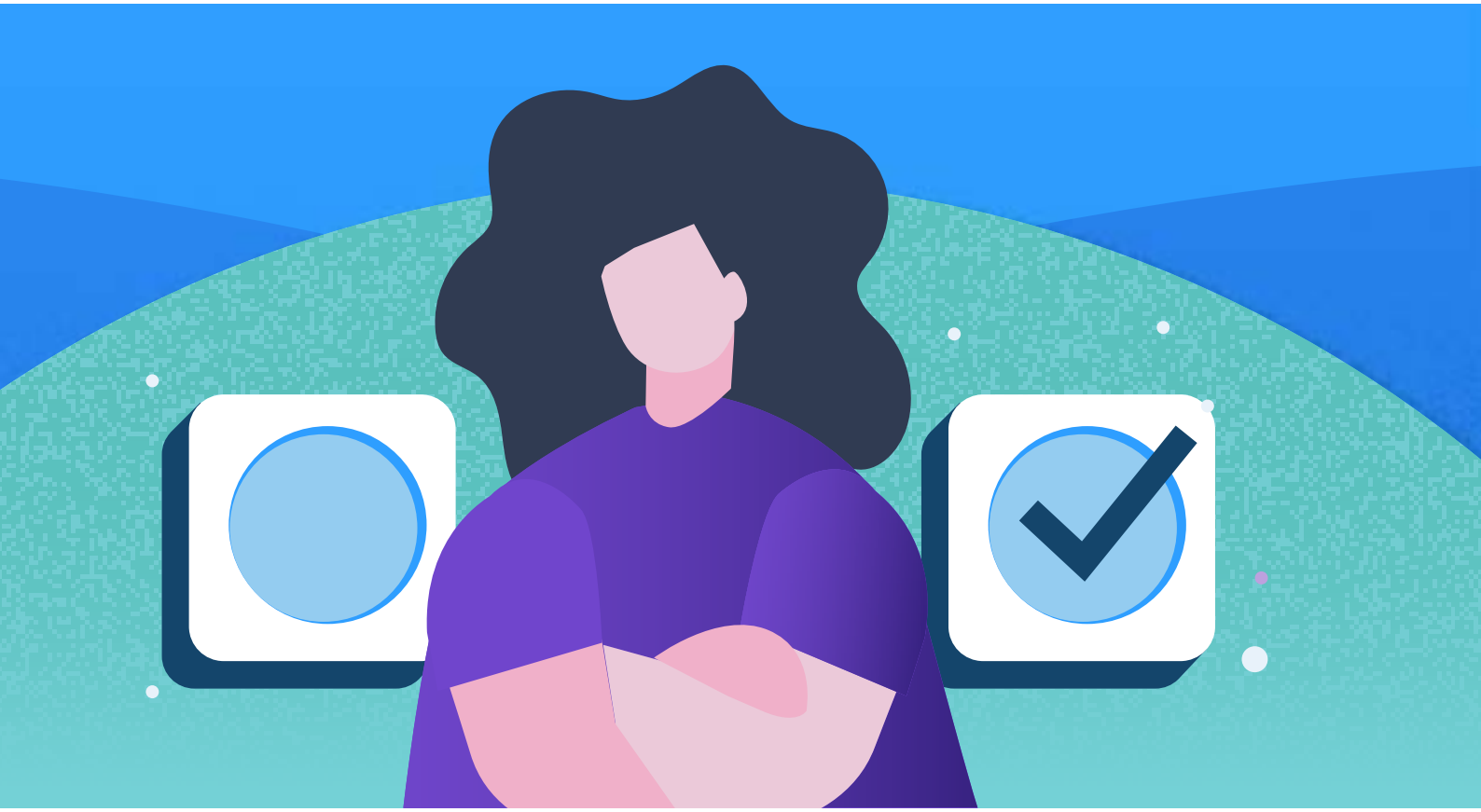
***O Começo da Vida*, apresentado por Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, Fundação Bernard Van Leer, Instituto Alana e Unicef** — O filme mostra como a qualidade das relações estabelecidas nos primeiros anos de vida são importantes para o desenvolvimento das crianças em todas as áreas da vida. Também propõe uma reflexão sobre como estamos apoiando os bebês e as crianças nas oportunidades de interação.

Educação Infantil na BNCC — No vídeo, o professor Paulo Fochi, consultor da elaboração da primeira e da segunda versão da BNCC para a Educação Infantil, comenta o que muda a partir da apresentação do documento. Ele também fala sobre como pensar o planejamento nessa etapa de ensino, levando em conta os Campos de Experiência articulados aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

// ARTIGOS

A experiência de aprender na Educação Infantil, de Silvana Augusto — No artigo publicado na revista Saltos para o Futuro, cujo tema eram as novas diretrizes para a Educação Infantil, a autora escreve sobre como proporcionar experiências significativas para as crianças nessa etapa de ensino, que favoreçam o aprendizado e o desenvolvimento.

Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças, de Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg (MEC) — O documento é anterior à Base, mas no novo referencial há uma preocupação em garantir que os direitos das crianças sejam respeitados na escola e nas práticas elaboradas para a sala de aula.



CAPÍTULO 9 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS

O que você sabe sobre a BNCC para a Educação Infantil?

Tire suas dúvidas sobre os principais conceitos que estão por trás da Base e saiba como potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças

1 Os Campos de Experiências correspondem aos componentes curriculares (matemática, língua portuguesa, ciências etc.) do Ensino Fundamental.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

2 Nas atividades propostas em classe, o ideal é que haja uma interlocução entre os diversos Campos de Experiência.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

3 Na maior parte do tempo, as crianças devem brincar livremente, explorando os ambientes e os materiais da escola, sem qualquer intervenção do professor.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

4 Os momentos em que a criança recebe os cuidados físicos são excelentes oportunidades para o fortalecimento do vínculo com o professor.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

5 A rotina das crianças precisa ser bem organizada e inflexível.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

6 Na BNCC, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estão vinculados a faixas etárias específicas.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

7 A Base é como um currículo, indica as metodologias que devem ser adotadas nas escolas.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

8 É fundamental acompanhar as práticas e aprendizagens das crianças para classificá-las entre “aptas” e “não aptas”.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

RESPOSTAS

1 – F // 2 – V // 3 – F // 4 – V // 5 – F // 6 – V // 7 – F// 8 – F

nova escola

QUER APRENDER MAIS SOBRE A **BNCC**

BNCC.NOVAESCOLA.ORG.BR



REALIZAÇÃO:

associação nova escola

CO-REALIZAÇÃO:

FUNDAÇÃO Lemann